

De Althusser a Pêcheux: um olhar discursivo-materialista sobre a violência contra a mulher nas sociedades capitalistas

Bianca M. Q. Damacena¹

Introdução

O que faz com que frases do tipo “mulher no volante, perigo constante” continuem sendo repetidas a despeito de estatísticas já terem mostrado que o número de homens envolvidos em acidentes de trânsito fatais é quase quatro vezes maior que o de mulheres?² Ou então, o que faz com que se continue reproduzindo frases do tipo “se um homem te trata mal, é porque ele gosta de você”, inclusive para crianças, mesmo com números alarmantes de mulheres assassinadas por quem elas achavam que as amava? Poderíamos passar um bom tempo nos questionando como é que muitos outros discursos que diminuem a mulher ainda se façam presentes e continuem sendo reproduzidos, de certa forma contribuindo para que o papel de “segundo sexo” relegado às mulheres siga vigente e mais, contribuindo para que as diversas formas de violência machista contra a mulher se perpetuem.

Quando se fala em violência machista contra a mulher, há que se ter em mente que são várias formas. Existe a violência institucional, que é cometida pelo Estado como quando não se assegura o protagonismo e a autonomia econômica e financeira das mulheres por meio de políticas públicas, ou quando não se garante equidade no trabalho doméstico ou no remunerado. Assédio, exploração sexual, estupro, tortura, violência psicológica, agressões por parceiros ou familiares, perseguição, feminicídio. De várias formas e intensidades, a violência contra as mulheres continua acontecendo sistematicamente e está presente em muitos países, motivando gravíssimas violações de direitos humanos e crimes hediondos.

Entretanto, é preciso compreender que nem os discursos e muito menos as formas de violência surgiram hoje. Elas são fruto de uma construção histórica do papel da mulher na sociedade e, portanto, para entender como é que as mulheres ainda sofrem com tanta violência, ou como é que discursos machistas continuem sendo reproduzidos, é preciso compreender os processos históricos que geraram essa situação.

Dessa forma, este trabalho visa debater questões que fazem com que as desigualdades de gênero existam e contribuam para que às mulheres seja relegado um papel inferior ao do homem, resultando nas diversas formas de violência. Nosso objetivo é o de desvendar as raízes que fazem com que o mito da

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, bianca.damacena@gmail.com

² Dados podem ser acessados em <http://portaldotransito.com.br/noticias/estatisticas-mostram-que-mulheres-dirigem-melhor-do-que-os-homens/>

inferioridade feminina continue pairando nas relações sociais, contribuindo para a permanência da violência. Para tanto, nosso trabalho se filia à Análise do Discurso de origem francesa para pensar os discursos mencionados anteriormente, e outros, numa perspectiva sócio-histórica e ideológica.

A Análise do Discurso de origem francesa é considerada uma disciplina de entremeio que articula três regiões do conhecimento científico, a saber, o materialismo histórico, a linguística e a teoria do discurso. Tais regiões são atravessadas por uma teoria da subjetividade de natureza psicanalítica. Isso quer dizer, entre outras coisas, que os sentidos, em AD, dependem de determinações históricas e ideológicas. Dessa forma, pensar o funcionamento da ideologia na produção de discursos é de suma importância.

Porém, para pensar como a ideologia funciona nos discursos machistas atualmente propagados, é preciso refletir sobre um contexto histórico amplo porque nos permite pensar na dimensão histórica das ideologias machistas, da dominação masculina. É aí que entra o conceito de Aparelhos Ideológicos de Estado, cunhado por Althusser e, posteriormente, utilizado por Pêcheux, fundador da Análise do Discurso Francesa, para pensar a reprodução/transformação das relações de produção, bem como de produção de sentidos. Em uma análise adequada sobre o conceito, e outros, faremos um diálogo entre Althusser, Pêcheux e Saffioti com vistas a investigar o ponto de encontro entre os autores e como podemos entender a questão da violência contra a mulher, bem como os discursos machistas que seguem sendo proferidos e contribuem, de alguma forma, para que tal violência se perpetue.

1. Ideologia em Althusser: os Aparelhos Ideológicos de Estado

As contribuições de Louis Althusser no campo da filosofia, das ciências sociais, da política, da história, etc. são muitas. Suas produções são de caráter essencialmente marxista. Entretanto, no que tange o conceito de ideologia, objeto do presente trabalho, o filósofo franco-argelino marxista, para entender a função da ideologia na sociedade, diverge um pouco das formas anteriores do marxismo. Althusser, ao estudar a sociedade capitalista sob o ponto de vista de sua constante reprodução, na esteira de Marx, ampliou e deu novos contornos ao conceito de ideologia.

Althusser acredita que uma teoria das ideologias deve estar em conexão com a história das formações sociais e, conseqüentemente, com os modos de produção e com as lutas de classes que se desenvolvem dentro dessas formações sociais. Dessa forma, o aporte de Althusser à teoria marxista da ideologia se dá em alguns pontos básicos entre os quais podemos ressaltar: primeiro, ele se opõe à concepção filosófica que entende a ideologia centrada na consciência, ainda que ilusória; segundo, ele se distancia daqueles que concebem a ideologia como algo não-material, determinando ou exprimindo uma realidade que lhe é exterior.

Para pensar a ideologia, então, na obra *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado*, Althusser³ toma como ponto de partida o princípio do materialismo histórico que, em suma, coloca que as sociedades só existem porque há consumo, e só há a prática de consumir onde há produção. Qualquer sociedade, então, se organiza em função de um determinado modo de produzir os bens materiais de que necessita e também devido ao fato de haver a necessidade de reproduzir seu modo de produção e as condições materiais da produção em geral. A força de trabalho, por exemplo, está entre as condições materiais da produção que precisam ser reproduzidas. Para tanto, ela precisa de meios materiais, como por exemplo o salário, e formação, como é o caso da Educação em geral. Nas sociedades capitalistas da atualidade, tal formação não acontece mais no local de trabalho, mas fora da produção, por meio do sistema escolar, das igrejas, e de outras instituições. É na reprodução da formação da força de trabalho, então, que se misturam conhecimentos técnicos, informações científicas, saberes práticos e também normas adequadas à submissão e critérios destinados a promover uma adaptação à ordem vigente. Em outras palavras, a aceitação da ideologia dominante é promovida. É preciso considerar que toda formação social e econômica é resultado de um modo de produção dominante. Ocorre que para se manter hegemônico, o modo de produção dominante necessita da reprodução das forças produtivas, bem como das relações de produção existentes. Admitindo esses pressupostos, o autor passa a pensar sobre os dispositivos que caracterizam a reprodução das condições de produção.⁴

De acordo com a maneira como Althusser prossegue em seus estudos, três teses principais emergem, cujo entrelaçamento constitui os pontos altos de uma teoria positiva (em contraposição à ideia de que Marx traz uma teoria negativa) da ideologia. São elas: 1) A ideologia tem uma existência material; 2) A ideologia é uma representação da relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência; e 3) A ideologia interpela os indivíduos como sujeitos.

A primeira tese coloca que a ideologia tem sua própria materialidade, que consiste em aparelhos ideológicos de estado. Para Althusser⁵, os elementos da ideologia não são apenas interpretações sistêmicas de uma possível rede de ideias. Ela não fica no plano do ideal, do “espiritual”, do abstrato, mas sim, na “superfície”, no material, no concreto. Isto posto, a ideologia pressupõe uma ação, uma prática, um ritual que se nota geralmente em um aparelho ideológico de Estado. Nas palavras do filósofo, “uma ideologia existe sempre em um aparelho e em sua prática ou práticas essa existência é material.⁶ Isso significa que a ideologia não flutua nas cabeças das pessoas, nem surge aleatoriamente. Ela só pode existir na forma de comportamentos, práticas, disposições socialmente instituídas, que são

³ Althusser, L. *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado*. Lisboa: Presença, 1974.

⁴ Idem.

⁵ Althusser, L. *Sobre a Reprodução*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

⁶ Idem p. 206.

empregadas em toda uma série de instituições específicas que Althusser chama "Aparelhos Ideológicos de Estado" (AIEs).

No entendimento do autor, a ideologia sempre se manifesta através de ações, que estão inseridas em práticas, por exemplo, rituais, comportamentos convencionais etc. Como visto anteriormente, em *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado*, a partir da interrogação inicial sobre a reprodução da força do trabalho que se dá fora do ambiente de trabalho, por intermédio de toda uma rede de organizações (escolas, igrejas, sindicatos, partidos etc.) com papel dominante na reprodução nas relações sociais, Althusser pensa a necessidade de uma ampliação do conceito marxista de Aparelhos de Estado. Ao retomar a definição do Estado, proposta por Marx como uma máquina de dominação capaz de assegurar às classes dominantes o controle da grande classe dos dominados e explorados, Althusser propõe um conceito novo - Aparelhos Ideológicos de Estado - para pensar as relações sociais estatais sob um prisma diferente. De acordo com o autor, a estrutura básica do Estado, enquanto máquina de repressão e, portanto, garantia da hegemonia da classe dominante, compõe-se de governo, administração, forças armadas, polícia etc. O conceito de Aparelhos Ideológicos de Estado permite pensar o campo de ideologização constituído pelas diferentes igrejas, escolas, universidades, partidos, a imprensa, os sindicatos, o mundo cultural etc. Ou seja, todo um conjunto de organizações que formam o sistema das ideologias, articuladas sobre práticas materiais onde, conforme Althusser se produzem os mecanismos de assujeitamento ideológico. Este sistema de práticas reproduz, assim, relações de classe na estrutura econômica, política e nos Aparelhos Ideológicos de Estado; práticas diferenciais sejam burguesas, pequeno-burguesas ou proletárias.

Desse modo, é possível perceber que, para o filósofo, os AIEs são o lugar de reprodução das relações de produção e o local onde ocorre a luta de classes entre as formações sociais detentoras dos meios de produção e as formações sociais que são exploradas por elas. No que tange os AIEs, estes são considerados o palco da luta de classes devido à relação de contradições existentes. São o meio concreto onde a ideologia trabalha. Segundo Althusser:

um Aparelho Ideológico de Estado é um sistema de instituições, organizações e práticas correspondentes, definidas. Nas instituições, organizações e práticas desse sistema é realizada toda Ideologia de Estado ou uma parte dessa ideologia (em geral, uma combinação típica de certos elementos). A ideologia realizada em um AIE garante sua unidade de sistema 'ancorada' em funções materiais, próprias de cada AIE, que não são redutíveis a essa ideologia, mas lhe servem de 'suporte'⁷

⁷ Idem p. 104

Através dos aparelhos ideológicos de Estado as classes que controlam os meios de produção garantem as relações de produção e, portanto, o modo de produção. Assim, pode-se constatar que, segundo Althusser⁸ “todos os Aparelhos Ideológicos de Estado, sejam eles quais forem, concorrem para o mesmo resultado: a reprodução das relações de produção, isto é, das relações de exploração capitalistas”.

Além dos Aparelhos Ideológicos de Estado, que funcionam por meio da ideologia, Althusser identificou o Aparelho Repressivo de Estado como aquele que funciona por meio da violência, apesar de que as práticas de violência também estão assentadas em ideologias. O autor coloca que todo Aparelho de Estado vai funcionar seja por meio da repressão ou por meio da ideologia. A ação do Aparelho Repressivo se realiza normalmente pela disciplina que é uma forma fria de exercício da direção política da classe dominante contra as classes dominadas. Por outras palavras o aparelho repressivo - a prisão, por exemplo - não funciona nem exclusiva nem majoritariamente pela repressão. E a ideologia, ela também não é calma nem pacífica. Ao contrário, ela é bastante violenta uma vez que se realiza sobre a forma de uma violência normalizada sobre os corpos, como por exemplo mais tempo de trabalho, maior produtividade, maior obediência. Mas para que se mantenha essa espécie de véu que encobre a realidade da luta de classes, por vezes a classe dominante se utiliza do exercício da violência física mesmo, como a violência policial ou dos exércitos. Esta se efetiva, mesmo nos estados de direito, no interior de um amplo mecanismo de controle, de subordinação que se dá nos seus interstícios ou em afrontamentos mais fortes quando a “normalidade” entra em colapso. O alvo que sustenta e reproduz as relações de produção é o poder sobre a consciência dos indivíduos e o Aparelho Repressor é o escudo que ajuda a mantê-lo.

Por isso, é preciso compreender que o Estado e seus Aparelhos, sejam eles repressivos ou ideológicos, só adquirem sentido do ponto de vista da luta de classes, uma vez que são instrumentos que garantem, através de rituais, a opressão de uma classe pela outra, em que a ideologia se realiza e se torna eficaz. A base da eficácia das ideologias se torna possível por meio dos rituais. Entretanto, não há ritual sem falhas, o que gera a perda da eficácia da ideologia e aponta para a contradição.

A segunda tese, por sua vez, defende que a ideologia representa a relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência. De certo modo, o jeito tradicional de entender a *ideologia* levou pensadores marxistas a mostrá-la como falsa consciência, que aponta para o mundo real escondido por ela mesma. Porém, Althusser pensa que a ideologia não reflete o mundo real, mas *representa a relação imaginária entre os indivíduos para o mundo real*. Com base nisso, o filósofo tenta responder à seguinte questão: “Por que motivo os homens têm necessidade

⁸ Idem p. 167

dessa transposição imaginária de suas condições reais de existência para “representar” suas condições de existência reais?”

Em seus estudos, ele chega a dois tipos de respostas. A primeira delas, datada do século XVIII, coloca que clérigos e déspotas inventaram “belas mentiras” para fazer com que os homens achem que estejam obedecendo a deus, mas na realidade estão obedecendo aos clérigos e aos déspotas. De acordo com Althusser⁹, acredita-se que a “existência de um reduzido número de homens cínicos que consolidam sua dominação e exploração do “povo” sobre uma representação falseada do mundo, imaginada por eles para subjugar os espíritos pelo domínio de sua imaginação” é a causa para a transposição imaginária das condições de existência real. Esta também é uma interpretação que foi abraçada por Marx, uma vez que ele entende que os homens têm uma representação imaginária, alienada, de suas condições de existência justamente porque as próprias condições de existência são, em certa medida, alienantes. No entanto, Althusser defende que o que é refletido na representação imaginária do mundo que se encontra em uma ideologia são as condições de existência dos homens, portanto seu mundo real. Em suas palavras:

Os homens “representam” não suas condições de existência reais, seu mundo real, mas antes de tudo sua *relação* com essas condições de existência reais. É essa relação que se encontra no centro de toda representação ideológica, portanto, imaginária do mundo real. É nessa relação que se encontra contida a ‘causa’ que deve explicar a deformação imaginária da representação ideológica do mundo real. É a natureza imaginária dessa relação que suporta toda a deformação imaginária que se pode observar em qualquer ideologia¹⁰

Althusser faz questão de frisar que é óbvio que essa existência material da ideologia não se assemelha a de um objeto qualquer, mas que ela existe, em última instância, em uma matéria física, que são os AIEs. Nas palavras do autor:

Portanto, nós diremos, limitando-nos a considerar um sujeito (tal indivíduo), que a existência das ideias da sua crença é material no sentido de que suas ideias são seus atos materiais inseridos em práticas materiais, reguladas por rituais materiais que, por sua vez, são definidos pelo aparelho ideológico material do qual dependem (como por acaso) as ideias desse sujeito¹¹

Isso significa que para haver uma ideologia que inspire os indivíduos a “agir conforme suas ideias”, ela deve estar atrelada a práticas materiais realizadas por

⁹ Idem p. 204

¹⁰ Idem p. 205

¹¹ Idem p. 208

esses próprios sujeitos. Dessa forma, apesar da deformação imaginária inerente às ideologias, Althusser defende que as ideias dos homens existem em atos inseridos em práticas, regulamentadas por rituais, no seio dos AIEs.

A segunda tese, então, demonstra o que Althusser interpreta da ideologia. Nesta interpretação, o autor considera que a ideologia é uma representação do mundo que não corresponde à realidade em si.¹² É, na verdade, uma representação das relações que os homens têm com suas condições de existência, que são reais. É como se a ideologia tivesse uma produção própria (a tese 3 pode definir melhor esse aspecto) porque é uma relação imaginária para o real e não simplesmente uma relação imaginária com o real. A distorção não vem da mera passagem pelo imaginário, mas da duplicação do relacionamento. Por exemplo, a mais-valia, um conceito marxista que entende que a força de trabalho do proletariado é explorada uma vez que ela produz os bens e serviços, mas quem lucra com a mão-de-obra é o dono da fábrica, o empregador. O funcionamento da ideologia se dá na medida em que o proletariado segue trabalhando normalmente, praticamente sem se dar conta de que, sem a sua força de trabalho, não existe lucro para o patrão. Há ainda quem percebe essa discrepância, mas acredita que é direito do patrão receber mais porque é ele quem dá emprego, oportunidade, salário. Ele é o dono da fábrica e merece porque ele batalhou muito para estar naquela posição. De acordo com Althusser:

em sua deformação necessariamente imaginária, toda ideologia representa não as relações de produção existentes (e as outras relações que delas derivam), mas antes de tudo a relação (imaginária) dos indivíduos com as relações de produção e com as relações que delas derivam. Portanto, na ideologia, não está representado o sistema das relações reais que governam a existência dos indivíduos, mas sim a relação imaginária desses indivíduos com as relações reais sob as quais vivem¹³

No exemplo anterior, a real relação de exploração entre burguesia e proletariado não é representada pela ideologia, mas sim uma relação imaginária de dependência que faz com que as relações de produção sigam sendo reproduzidas. Assim, para Althusser, a ideologia é um sistema de representação que, agindo através de imagens ou conceitos, ela se impõe como estrutura. Por estrutura ideológica, o filósofo pensa um sistema de representação do mundo que une os homens às suas condições de existência e os homens entre si. Esse laço que prende os homens entre si é uma relação vivida, duplicada por uma relação imaginária. A ideologia é, pois, pensada como uma relação super-determinada de uma relação real e de sua relação imaginária com suas condições de existência. Essa superdeterminação determina estrategicamente as relações entre o imaginário e o

¹² Idem.

¹³ Idem p. 205

real através de que a ideologia se faz ativa, reforçando as relações dos homens com suas condições de existência. Novamente, de acordo com Althusser, se a representação das condições de existência deriva das relações de produção, então, “toda ideologia representa, na sua deformação necessariamente imaginária, não as relações de produção existentes, mas antes de tudo a relação (imaginária) dos indivíduos com as relações de produção e com as relações que delas derivam”.¹⁴

Dando continuidade às teses propostas por Althusser, chegamos à terceira e última: a ideologia interpela os indivíduos como sujeitos. De acordo com o autor, o propósito principal da ideologia é transformar indivíduos independentes em sujeitos dependentes. A ideologia se encontra tão difundida que em sua constituição do sujeito forma nossa própria realidade se estabelecendo como a “verdade” e o “óbvio”. Os indivíduos são sempre sujeitos, mesmo antes de nascer, pois recebemos um nome, sobrenome, uma identidade. A depender do gênero também recebemos uma carga de papéis a desempenhar. Ou seja, antes de nascer a criança já se encontra como um sujeito, classificada como sujeito pela configuração ideológica familiar específica na qual ela é esperada. A maioria dos indivíduos aceitam sua auto-constituição ideológica como “realidade” ou “natureza” e portanto raramente entram em conflito com o aparato repressivo do estado, que é projetado para qualquer um que aceite a ideologia dominante. É como Althusser postula: o indivíduo é interpelado como um sujeito que se acredita livre para que ele possa obedecer livremente as ordens daquele que formula sua sujeição. Para que ele faça os gestos e as ações de sua sujeição sozinho, de livre e espontânea vontade.

Por natureza, a ideologia transforma indivíduos em sujeitos, independentemente dos períodos históricos. Se alguém quiser permanecer coerente e manter a radicalidade dessa terceira tese, deve-se considerar que a categoria de sujeito é uma produção trans-histórica de ideologia. Para Althusser, uma vez que se entende que a ideologia é eterna, é necessário se desvencilhar da noção de temporalidade e compreender que “a ideologia interpelou sempre já os indivíduos como sujeitos, o que equivale a indicar com precisão que os indivíduos são sempre-já interpelados pela ideologia como sujeitos”.¹⁵ E assim, se compreende que os indivíduos são sempre já sujeitos, mesmo antes de nascer, como observado anteriormente. Além disso, os aparelhos e suas práticas têm como objeto os indivíduos tomados em suas relações de produção a fim de que se possam entender como as ideologias se desenvolvem a partir da ação desses sujeitos no seio das instituições. Nas palavras do autor, “somos sempre já sujeitos e, como tal, praticamos ininterruptamente os rituais do reconhecimento ideológico que nos garantem que somos efetivamente concretos, individuais, inconfundíveis e naturalmente insubstituíveis”.¹⁶

¹⁴ Idem p. 205

¹⁵ Idem p. 215

¹⁶ Idem p. 211

A ideologia funciona na categoria de sujeito (como um motor, nos diz Althusser, trabalha com gasolina) e faz com que essa categoria trabalhe concretamente em rituais e práticas bastante concretas (como já vimos na tese 2). Todos são "desafiados" e respondem porque são atribuídos / oferecidos / garantidos um lugar / identidade / estabilidade na sociedade. Dessa forma, Althusser vai defender que a categoria de sujeito é constitutiva de toda ideologia, porém, isso só acontece porque a ideologia em si tem como função formar os sujeitos concretos. É um jogo duplo em que um constitui o outro, mostrando que o funcionamento da ideologia se dá através das formas materiais de existência desse próprio funcionamento. A partir dessa compreensão, Althusser apresenta duas proposições: "toda ideologia existe pelo sujeito e para os sujeitos; a ideologia só existe para sujeitos concretos e esse destino da ideologia não é possível a não ser pelo sujeito".¹⁷

Retornamos então para o conceito de Aparelhos Ideológicos de Estado para poder compreender também a tese 3. Estes fazem parte da superestrutura e têm como função primordial, sob a proteção do Aparelho Repressor de Estado, a reprodução das relações de produção na consciência dos indivíduos. Aqui entra o duplo jogo: "a reprodução das relações de produção pelos aparelhos ideológicos e seus efeitos ideológicos sobre os sujeitos, agentes da produção, é garantida *no* funcionamento das próprias relações de produção"¹⁸. A repressão por si só não pode garantir a reprodução das relações de produção; a ideologia é quem garante, por excelência, a reprodução das relações de produção.

A garantia da reprodução se dá, essencialmente, porque o próprio caráter da ideologia é impor práticas como se elas fossem naturais, evidentes. Ou seja, a força da ideologia está no fato dela naturalizar atos, pensamentos, as ilusões criadas para o povo a fim de garantir a reprodução das relações desiguais. Mais uma vez, o caráter negativo da ideologia, expresso na concepção de falsa consciência é questionado, uma vez que essa tese demonstra que ela tem relação com as relações reais entre os indivíduos. Como diz Althusser, "os indivíduos concretos "funcionam" e é a ideologia que os "leva na conversa"¹⁹.

2. Ideologia em Pêcheux: a questão do discurso

É a partir dos estudos de Althusser que Pêcheux vai pensar uma teoria materialista do discurso com enfoque na descentralização do sujeito. Na Análise do Discurso de origem francesa, uma das regiões do conhecimento utilizadas para desenvolver a teoria é justamente o materialismo histórico de Marx em que a AD se interessa essencialmente pela superestrutura ideológica e sua conexão com o modo de produção dominante em uma dada formação social. Para o autor, seguindo na esteira de Althusser, a ideologia é uma das condições de reprodução

¹⁷ Idem p. 210

¹⁸ Idem p. 223

¹⁹ Idem p. 202

da base econômica e, a partir daí, ele vai desenvolver uma teoria que pensa o discurso como um processo atravessado pela História e pela Ideologia e que envolve indivíduos, ou melhor, sujeitos do discurso, afetados e constituídos por questões sociais, ideológicas e históricas, e que acreditam ser a origem do que dizem, mas não são.

Para tanto, Pêcheux foca em dois aspectos da teoria de Althusser, a saber, na tese de que indivíduos são interpelados em sujeitos e no conceito de Aparelhos Ideológicos de Estado. O questionamento que perpassa os estudos de Pêcheux é que se, de fato, no seio dos Aparelhos Ideológicos de Estado, a ideologia transforma indivíduos em sujeitos, é preciso entender como é que os indivíduos aceitam como óbvio, ou não, o sentido daquilo que ouvem e dizem, lêem e escrevem, e se tornam, assim, sujeitos.

Embora beba da fonte de Althusser, Pêcheux faz uma leitura crítica de seus estudos como por exemplo sobre a questão da reprodução das relações de produção. Enquanto Althusser defende, acertadamente, que no âmbito dos AIEs, a partir de práticas e rituais, a ideologia funciona a fim de *reproduzir* as relações de produção das classes dominantes, Pêcheux vai acrescentar a palavra *transformação*, no intuito de demonstrar que existe uma relação dialética. Nas palavras do autor, em *Semântica e Discurso*:

Ao falar de ‘reprodução/transformação’, estamos designando o caráter intrinsecamente contraditório de *todo modo de produção que se baseia numa divisão em classes, isto é, cujo “princípio” é a luta de classes*. Isso significa, em particular, que consideramos errôneo localizar em pontos diferentes, de um lado, aquilo que contribui para a reprodução das relações de produção e, de outro, o que contribui para sua transformação: a luta de classes perpassa o modo de produção como um todo, o que, no campo da ideologia, significa que a luta de classes “passa por” aquilo que L. Althusser chamou de aparelhos ideológicos de Estado²⁰

Isso quer dizer que a ideologia dominante, isto é, da classe dominante, não existe sozinha dentro dos AIEs. Ela está em constante choque com as ideologias dominadas, o que torna perfeitamente possível que as relações de produção sejam reproduzidas ou transformadas. Pêcheux retoma Althusser para lembrar que, apesar da ideologia dominante se realizar pela instauração de AIEs, estes não são um instrumento exclusivo da classe dominante para reproduzir as relações de produção existentes, pois “os AIEs constituem, simultânea e contraditoriamente, o lugar e as condições ideológicas da transformação das relações de produção (isto é, da revolução, no sentido marxista-leninista)”²¹. As condições de reprodução/transformação, então, são formadas, num dado momento histórico e

²⁰ Pêcheux, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Ed. Universidade Estadual de Campinas, 2014a p. 130

²¹ Idem p. 131

numa dada formação social, pelo conjunto complexo dos AIEs que estão dentro dessa formação social.

Pêcheux, a partir de seus estudos em Althusser, enfatiza que os AIEs não contribuem de maneira homogênea para a reprodução das relações de produção, tampouco para sua transformação uma vez que eles têm propriedades regionais, isto é, características próprias que condicionam sua importância relativa dentro do conjunto de aparelhos, e isso em função da luta de classes nessa dada formação social. Alguns exemplos de regiões, de elementos peculiares do AIE religioso, entre outros, pode ser deus, pecado, paraíso, etc; para o AIE jurídico têm-se as leis, as punições, etc. E assim por diante, cada AIE possui saberes distintos, ou características peculiares, que condicionam sua importância dentro dos próprios AIEs. Além disso, tais saberes estão em função da luta de classes conformando, inclusive, uma relação de subordinação, por exemplo, entre AIEs. Conforme Pêcheux, é a partir da compreensão dessas características peculiares, desses elementos inerentes a cada AIE e também das suas interrelações de contradição e subordinação que se dá a rede contraditória entre reprodução e transformação das relações de produção. Para o autor, o caráter contraditório entre reprodução e transformação das relações de produção se dá na medida em que os elementos ideológicos dos AIEs não são tomados separadamente, mas sim dentro dos diferentes saberes que os contém e das relações de desigualdade existentes entre essas regiões, constituindo o “palco da luta ideológica de classes”.²²

Ainda com base em Althusser, Pêcheux toma o conceito de assujeitamento do sujeito também. Ele vai dizer que o funcionamento da ideologia no que tange a reprodução das relações de produção se dá a partir da interpelação dos sujeitos. Ou seja, o assujeitamento do sujeito como sujeito ideológico é essencialmente o que permite que as relações de produção sejam reproduzidas, no interior dos AIEs, “de tal modo que cada um seja *conduzido*, sem se dar conta, e tendo a impressão de estar exercendo sua livre vontade, a *ocupar o seu lugar* em uma ou outra das duas classes sociais antagonistas do modo de produção”.²³ Entretanto, a luta de classes não é estanque e se caracteriza, no seio dos AIEs, pelo confronto

de posições políticas e ideológicas [...] que não constituem a maneira de ser dos indivíduos, mas que se organizam em formações que mantêm entre si relações de antagonismo, de aliança ou de dominação. Falaremos de *formações ideológicas* para caracterizar um elemento (esse aspecto da luta dos aparelhos) suscetível de intervir como uma força em confronto com outras

²² Pêcheux, Michel. Ousar pensar e ousar se revoltar. Ideologia, marxismo, luta de classes. *Décalages*: Vol. 1: Iss. 4. 2004. Disponível em: <<http://scholar.oxy.edu/decalages/vol1/iss4/15>> Acesso em: 25/04/2018 p. 5

²³ Pêcheux, Michel; Fuchs, C. (1975) A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: Gadet, Françoise; Hak, Tony (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. de Mariani, Bethania [et al.]. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014b p. 162

forças na conjuntura ideológica característica de uma formação social em dado momento; desse modo, cada formação ideológica constitui um complexo de atitudes e de representações que não são nem “individuais” nem “universais” mas se relacionam mais ou menos diretamente a *posições de classes* em conflito umas com as outras²⁴

O que nos faz retornar à questão de que a ideologia dominante não se encontra sozinha dentro de um AIE, utilizando-o como seu instrumento exclusivo de reprodução. É o próprio entendimento de que dentro dos AIEs convivem formações ideológicas distintas, que expressam posições de classes em conflitos umas com as outras, que permite entender que tanto as condições de reprodução como as de transformação das relações de produção são possíveis. Mas no caso da transformação, não mais se falará em assujeitamento pleno dos sujeitos. Retornaremos a essa questão mais adiante.

Dessa forma, para Pêcheux, a ideologia, em sua materialidade concreta, apenas existe como *formações ideológicas*, que é um termo emprestado de Althusser. Estas têm natureza “regional” e englobam posições de classe, isto é, os elementos ideológicos de cada AIE são fornecidos com uma orientação que visa a interesses das classes que servem. Dito de outro modo, a ideologia existe materialmente sob a forma de *formações ideológicas*, dentro dos AIEs, e que elas possuem características regionais e uma orientação da classe a que tais formações, ou mesmo os aparelhos, servem. Ser desigual e contraditório é parte da luta ideológica que acontece no interior das formações ideológicas. Trata-se de uma luta para tentar impor novas correlações de força e transformações, inclusive nos aparelhos, ou, ao contrário, reproduzir as já existentes.

As formações ideológicas, então, permitem entender como funcionam as instituições e, dentro delas, estão convivendo uma série de contradições e antagonismos. Tendo feito esse percurso, Pêcheux se vê na posição de questionar qual é, então, a relação entre ideologia e discurso. Para ele, é praticamente impossível diferenciar ideologia de discurso, uma vez que seria colocar a ideologia apenas no campo das ideias. Para o autor, o discurso é uma das materialidades da ideologia, assim como é a História e as práticas sociais. A língua é a base onde se realizam os processos discursivos, mas esses obrigam a inserir a língua na dimensão histórica e social.

Com base no que precede sobre a materialidade discursiva, Pêcheux vai confirmar que as formações ideológicas estão inscritas nas formações sociais, mas que são determinadas através da *formação discursiva* (FD)²⁵, dos lugares sociais

²⁴ Haroche, Claudine; Henry, Paul; Pêcheux, Michel. [1971]. A Semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso. In: Baronas, R. L. *Análise do Discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2007 p. 16

²⁵ O conceito de *formação discursiva* em Pêcheux vem de Michel Foucault, em *Arqueologia do Saber*. Trata-se, também, de um conceito que sofreu alterações ao longo do tempo,

que cada sujeito ocupa, e também estabelecem imagens que representam estes lugares. As formações discursivas não são as palavras em si, mas os discursos. Em *A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso*, Claudine Haroche, Paul Henry e Michel Pêcheux estabelecem a ideia de que as FDs existem dentro das formações ideológicas na medida em que

[...] as formações ideológicas comportam, necessariamente, como um de seus componentes, uma ou mais formações discursivas interligadas, que determinam aquilo que se pode e se deve dizer (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.) a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada²⁶

Ademais, as formações discursivas existem historicamente dentro de dadas relações de classes e, dessa forma, é importante salientar que elas não são estanques, ou seja, as FDs podem se transformar, ou até mesmo deixar de existir. Isso significa que elas podem fornecer elementos que resultam em novas formações discursivas, formando-se no seio de outras relações ideológicas, e colocando a possibilidade de surgimento de novas formações ideológicas.

Portanto, Pêcheux concebe a formação ideológica como uma força em confronto com outras, dentro do espaço da luta de classes, ocasionando a reprodução, ou a transformação, das relações de produção. Entretanto, é importante enfatizar que o autor defende que é através da linguagem que as formações ideológicas se revelam de modo que os processos discursivos são responsáveis pelos efeitos de sentido e é na língua que esses efeitos se realizam. Novamente, a língua é a materialidade do discurso que, por sua vez, é a materialidade da ideologia. Dessa forma, o surgimento de um sujeito do discurso para a AD está intimamente ligado aos conceitos de formação ideológica e formação discursiva uma vez que

os indivíduos são ‘interpelados’ em sujeitos falantes [...] por formações discursivas que representam ‘na linguagem’ as formações ideológicas que lhes são correspondentes. Especificamos também que ‘a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se realiza pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina’²⁷

como pode ser visto, por exemplo, na obra *Discurso Comunista Endereçado aos Cristãos*, de Jean-Jacques Courtine. Não entraremos nesses aspectos no presente trabalho.

²⁶ Haroche, Claudine; Henry, Paul; Pêcheux, Michel. [1971]. *A Semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso*. In: Baronas, R. L. *Análise do Discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2007 p. 16

²⁷Pêcheux, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Ed. Universidade Estadual de Campinas, 2014a p. 198

Com base no exposto acima, Pêcheux também defende a tese althusseriana que diz que a ideologia interpela os indivíduos em sujeitos. O indivíduo está sempre inserido em uma determinada ideologia, portanto, se a ideologia faz dos indivíduos sujeitos, o indivíduo é sempre sujeito dentro da formação social em que está inserido. Mas, num exercício de retornar para avançar, a interpelação se dá sempre através de um conjunto complexo determinado de *formações ideológicas* que realizam dentro deste conjunto um papel desigual tanto para a reprodução quanto para a transformação das relações de produção. Como visto anteriormente, essa ação desigual acontece em razão de características ditas “regionais” das formações ideológicas. Pêcheux vai afirmar que as formações discursivas intervêm nas formações ideológicas enquanto componentes tanto para a reprodução quanto para a transformação.

Em seu percurso teórico, então, Pêcheux vai demonstrar a importância de se reconhecer o funcionamento da ideologia no seio dos Aparelhos Ideológicos de Estado, e que esse funcionamento se dá através da interpelação dos indivíduos em sujeitos. Porém, o que se acrescenta é que existe uma materialidade através da qual esse assujeitamento acontece: o discurso. Este, por sua vez, se realiza por meio de formações discursivas diversas, contraditórias e antagônicas, contidas em formações ideológicas cujas características intrínsecas e inerentes as fazem igualmente contraditórias dentro dos AIEs. O choque entre essas formações ideológicas é uma das formas de realização da luta de classes cujo resultado pode ser a reprodução das relações de produção ou a sua transformação. E é por isso, também, que Pêcheux entende que os sujeitos não são plenamente assujeitados.

3. A violência contra a mulher: uma questão de machismo

O regime capitalista, desde o seu advento, deixa bem clara a divisão da sociedade em classes em que uma explora a outra e, nesse sentido, para justificar essa lógica, ele lança mão da tradição, da ideia de eternidade das posições sociais. Quer dizer, a eficácia da ideologia, nos termos de Althusser, se dá no sentido de que as classes sociais são eternas, fruto de alguma entidade divina e, portanto, não há o que fazer para mudar. Dentro da divisão de classes, há divisão de gênero, por exemplo, que há muito já se tratava de uma justificativa para inferiorizar a mulher. Ela passa a configurar uma justificativa também dentro do sistema capitalista. Saffioti aponta que

A elaboração social do fator natural sexo, enquanto determinação comum que é, assume, na nova sociedade [capitalista], uma feição inédita e determinada pelo sistema de produção social. Aparentemente, no entanto, são as deficiências físicas e mentais dos membros da categoria sexo feminino que determinam a imperfeição das empíricas das sociedades competitivas. A mulher faz, portanto, a figura do elemento obstrutor do desenvolvimento

social, quando, na verdade, é a sociedade que coloca obstáculos à realização plena da mulher²⁸

Tais obstáculos, impostos pela sociedade de classes, impedem que a mulher tenha uma integração social igualitária, porém, não agem com uniformidade. Essas barreiras são reguladas pelas necessidades da sociedade competitiva, de forma que “as oportunidades sociais oferecidas aos contingentes femininos variam em função [...] do estágio de desenvolvimento atingido por suas [do modo de produção vigente] forças produtivas”.²⁹ A autora afirma que:

a inferiorização social de que tinha sido alvo a mulher desde séculos vai oferecer o aproveitamento de imensas massas femininas no trabalho industrial. As desvantagens sociais de que gozavam os elementos do sexo feminino permitiam à sociedade capitalista em formação arrancar das mulheres o máximo de mais-valia absoluta através, simultaneamente, da intensificação do trabalho, da extensão da jornada de trabalho e de salários mais baixos que os masculinos, uma vez que para o processo de acumulação rápida de capital era insuficiente a mais-valia relativa obtida através do emprego da tecnologia de então³⁰

Em se tratando da questão salarial, ainda que se entenda que o montante recebido pelos trabalhadores em geral às vezes não corresponde às suas necessidades, é possível afirmar que as mulheres recebiam e recebem menos ainda. Se na fase inicial do capitalismo, as mulheres recebiam muito pouco por sua força de trabalho, hoje em dia as estatísticas continuam não sendo nada favoráveis. Uma recente pesquisa do IBGE³¹ aponta que com relação ao rendimento habitual médio mensal de todos os trabalhos e razão de rendimentos, por sexo, entre 2012 e 2016, as mulheres ganham, em média, 75% do que os homens ganham. Isso significa que as mulheres têm rendimento habitual médio mensal de todos os trabalhos no valor de R\$ 1.764, enquanto os homens, R\$ 2.306. Ainda, a pesquisa do IBGE informa um agravante: as mulheres são maioria com ensino superior completo o que derruba a tese da falta de qualificação e corrobora a tese do mito da inferioridade da mulher.

Dessa forma, é possível perceber que o modo de produção capitalista lucra muito com o grande excedente de mão-de-obra feminina que fica à disposição e pode ser contratado a qualquer momento por valores inferiores aos dos homens. O funcionamento da ideologia machista, para retomar os termos de Althusser, se dá na medida em que se dissemina a fraqueza física, a instabilidade emocional e a

²⁸ Saffioti, Heleieth I.B. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. 3ª edição. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2013 p. 66

²⁹ Idem p. 66

³⁰ Idem p. 67

³¹ A pesquisa pode ser acessada em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101551>

reduzida inteligência das mulheres, com o objetivo de caracterizar o trabalho feminino como secundário. Isto faz com que a mulher se torne elemento fundamental, por excelência, dos contingentes humanos diretamente marginalizados das funções produtivas.

Não que o machismo sozinho seja suficiente para barrar por completo a entrada das mulheres no mercado de trabalho. Quando seus familiares se encontram em situação de carência econômica, as mulheres encontram formas de trazer sustento para dentro do lar. Uma outra pesquisa do IBGE revela que são as mulheres as principais provedoras de 4 em cada 10 lares.³² Porém, a ideologia machista que envolve toda essa situação atua no sentido de instalar no homem a condição de superioridade e na mulher uma grande dicotomia entre a trabalhadora e a dona de casa. Para Saffioti, tal dicotomia “que responde às exigências de uma economia sujeita a períodos de prosperidade e a períodos de recessão, é que faz da mulher uma trabalhadora especial”³³. Dessa forma, compreende-se que o capitalismo se fia, também, no mito da inferioridade feminina. A questão é que esse mito vai ultrapassar as esferas econômicas e avançar para a esfera da violência.

A despeito do conceito de violência já ter sido cunhado há bastante tempo, a violência contra a mulher só foi receber atenção especial depois da pressão e do conjunto de reivindicações do movimento feminista. Hoje, já existem vários termos para nomear as diferentes formas de violência sofridas pelas mulheres. Por exemplo tem-se a violência contra a mulher, a violência de gênero e as violências doméstica, conjugal e intrafamiliar. Esses diferentes termos não são sinônimos entre si, pois contém peculiaridades específicas, mas podem sim estar inseridos dentro da categoria de violência de gênero.

A *violência de gênero* é abrangente, pois pode se tratar tanto de lesões corporais como de humilhações, porém a palavra gênero está associada à construção social do masculino e do feminino englobando, também, crianças e adolescentes, de ambos os sexos, entre as vítimas. Esse tipo de violência relaciona-se com padrões de crença sobre lugares e papéis sociais decorrentes do gênero, ou seja, padrões que modificam caso se trate de um homem ou de uma mulher. Isso quer dizer que a depender da situação, um homem pode sofrer violência de gênero. Entretanto, simplesmente colocar essa categoria de violência em termos iguais para ambos os sexos é ignorar uma série de fatores sócio-históricos. Inclusive, a violência institucional é um tipo de violência de gênero, uma vez que algumas práticas políticas do Estado contribuem para dificultar a vida das mulheres em geral, como quando não se garante minimamente igualdade salarial, por exemplo.

³²Dados podem ser acessados em <https://epocanegocios.globo.com/Brasil/noticia/2016/12/mercado-de-trabalho-discrimina-mulheres-revela-pesquisa-do-ibge.html>

³³ SAffioti, Heleieth I.B. *A mulher sob o modo de produção capitalista*. Revista Contexto. São Paulo: Editora de Humanismo, Ciência e Tecnologia, 1976 p. 18

Saffioti apresenta que a sociedade capitalista-patriarcal coloca os homens no papel de detentores do poder de determinar o comportamento das categorias sociais (mulheres, adolescentes e crianças), e enfatiza que os homens exercem esse papel inclusive “recebendo autorização ou, pelo menos, tolerância da sociedade para punir o que se lhes apresenta como desvio”³⁴. A violência de gênero, portanto, “não ocorre aleatoriamente, mas deriva de uma organização social de gênero, que privilegia o masculino”³⁵. A autora ainda acrescenta que é possível, embora inusitado, que mulheres pratiquem violência contra homens, porém, “como categoria social [elas] não têm um projeto de dominação-exploração dos homens. E isto faz uma gigantesca diferença”³⁶. É esse detalhe que faz com que seja possível inserir dentro da categoria de violência de gênero tanto *violência contra a mulher*, como *violência doméstica, conjugal e intrafamiliar*, mas não usá-los como sinônimos.

Devido ao caráter histórico e social que envolve a questão das violências sofridas por mulheres, fica difícil denunciar e implementar medidas preventivas para acabar de vez com a violência machista, e todas as outras formas. Entretanto, é possível dizer que a situação poderia ser pior, caso os movimentos feministas não tivessem pressionado as autoridades a tomarem medidas mais drásticas. Talvez não houvesse nem mesmo a categorização dessas agressões sofridas pelas mulheres como um tipo particular de violência que merece atenção especial.

As diversas formas de violência contra a mulher, como colocado anteriormente, são fruto das ideologias machistas que colocam homens e mulheres em posições de desigualdade na sociedade. Conforme Saffioti,

Neste regime, as mulheres são objetos da satisfação sexual dos homens, reprodutoras de herdeiros, de força de trabalho e de novas reprodutoras. Diferentemente dos homens como categoria social, a sujeição das mulheres, também como grupo, envolve prestação de serviços sexuais a seus dominadores. Esta soma/mescla de dominação e exploração é aqui entendida como opressão. O melhor, como não se trata de fenômeno quantitativo, mas qualitativo, ser explorada e dominada significa uma realidade nova³⁷

Dessa forma, o funcionamento das ideologias machistas, de certa forma, permite aos homens qualquer coisa, às vezes abertamente, outras veladamente, inclusive

³⁴ Saffioti, Heleieth I.B. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. *Cadernos Pagu* (16) pp.115-136. Unicamp, 2001 p. 115

³⁵ Saffioti, Heleieth I.B. *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004 p. 81

³⁶ Saffioti, Heleieth I.B. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. *Cadernos Pagu* (16) pp.115-136. Unicamp, 2001 p. 116, 117

³⁷ Saffioti, Heleieth I.B. *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004 p. 106

que cometam violência para manter seus privilégios, o que vem acontecendo com certo sucesso, embora sempre haja resistência.

Retomando a teoria de Althusser sobre os aparelhos ideológicos de estado, compreende-se que se trata do local onde se realizam todas as ideologias. Se pensarmos em termos de machismo, são várias as instituições que durante séculos contribuem para que a mulher permaneça em posição inferior à do homem na sociedade de classes. Da Igreja Católica com Eva culpada pela expulsão do homem do paraíso, à legislação brasileira que até pouco tempo atrás permitia que homens pudessem cometer crime de honra em caso de adultério de suas esposas, todos colaboram, à sua maneira, para que o mito da inferioridade se mantenha, e junto com ele, as violências.

Conforme Rita Segato, a violência tem papel crucial na reprodução da ordem do gênero de forma que fica evidente que a moral e o costume são indissociáveis da dimensão violenta do regime hierárquico.³⁸ É possível, portanto, colocar que a violência contra a mulher em si é a ideologia machista funcionando dentro dos AIEs. Saffioti complementa dizendo que:

A ideologia [machista] constitui um relevante elemento de reificação, de alienação, de coisificação. Também constitui uma poderosa tecnologia de gênero, assim como “cinema, discursos institucionais, epistemologias e práticas”, estas últimas entendidas como as mais amplas práticas sociais e culturais. A alienação, em sua acepção de cisão, é alimentada pelas tecnologias de gênero, aí inclusas as ideologias. [...] não obstante a força e a eficácia política de todas as tecnologias sociais, especialmente as de gênero e, em seu seio, das ideologias de gênero, a violência ainda é necessária para manter o status quo. Isto não significa adesão ao uso da violência, mas uma dolorosa constatação³⁹

É claro que há mulheres que fogem dessa marca. Os AIEs são o palco da luta de classes e dentro deles há espaço para contradições, o que justifica a possibilidade de transformação. Inclusive, houve avanços na questão da mulher após tantas ondas feministas. Porém, esses casos não podem ser tomados com expressão de uma categoria, a categoria de mulheres. Como via de regra, mesmo com tantas ondas feministas, o índice de mulheres que morrem pelas mãos de seus companheiros ainda é muito grande, os salários continuam diferentes, as mulheres falam baixo ou se calam em discussões de grupos sexualmente mistos e quando não o fazem são taxadas de loucas. Sendo assim, para retomar também Pêcheux, os discursos proferidos ao longo dos séculos e até os dias de hoje materializam a ideologia machista e contribuem para que a violência contra a mulher siga acontecendo.

³⁸ Segato, Rita L. *Las estructuras elementales de la violencia - ensayos sobre género entre antropología, psicoanálisis y derechos humanos*. Buenos Aires: Prometeo, 2003.

³⁹ Idem p. 139

Quando o senso comum reproduz discursos do tipo “mulher gosta de apanhar”, “tinha que ser mulher mesmo”, “mulheres deveriam ganhar menos porque engravidam”, “sente-se como uma moça”, “mulher de verdade transforma o homem”, “mulher no volante, perigo constante” e tantos outros que ouvimos por aí, estamos na realidade observando a olho nu a eficácia das ideologias machistas sendo reproduzidas e reproduzindo-se num exercício cíclico praticamente sem fim, uma vez que a materialidade da ideologia é o discurso. E se o discurso “concretiza” um papel inferior às mulheres, naturalizando esses papéis, então a prática da violência machista se torna um vetor de mão dupla cuja função é manter a relação de desigualdade, bem como as relações de produção do sistema capitalista, uma vez que, como visto anteriormente, este lucra bastante com o mito da inferioridade das mulheres.

Considerações finais

Este trabalho teve como objetivo lançar um olhar discursivo-materialista sobre a questão da violência contra a mulher, bem como refletir sobre processos históricos e ideológicos em torno da construção do atual papel da mulher na sociedade ocidental, capitalista, que se diz democrática mas ainda é conivente com altos índices de violência, com salários mais baixos, ou seja, com uma posição de “segundo sexo” para as mulheres. Para tanto, foi necessário refletir sobre a relação entre ideologia e discurso.

A Análise do Discurso, ao se propor como uma teoria materialista do discurso, compreende que os sentidos dependem de questões históricas e ideológicas e, portanto, coloca a necessidade de entender as circunstâncias em que os discursos são criados. Não só as circunstâncias imediatas, mas também as sócio-históricas. Por exemplo, para que possamos entender que em pleno século XXI as mulheres ainda sejam vítimas de violências diversas, é preciso entender como a ideologia machista foi funcionando ao longo do tempo para que hoje em dia essa prática aconteça quase que naturalmente.

Com o advento do capitalismo, a situação da mulher é bastante desfavorável. A partir da leitura de textos de Saffioti, descobrimos que, por determinações sócio-histórica e biológicas, ambas considerando a mulher como sexo frágil, seu papel na produção social fica limitado. Não é o suficiente para tirar completamente as mulheres do mercado de trabalho, mas justifica que elas façam parte de um grande contingente à espera de uma vaga, que seus salários sejam menores, entre outras coisas.

É possível compreender, também, que na medida em que rígidos papéis para homens e mulheres foram sendo historicamente determinados, a desigualdade de gênero foi se acentuando e, pode-se dizer que está na raiz dos sofrimentos físico, psicológico, estrutural, que atingem bilhões de mulheres em todas as classes. São violências que foram sendo historicamente construídas e que vigoram nos campos social, político, cultural, econômico, etc, e são reproduzidas no

dia-a-dia, inclusive por meio de discursos aparentemente inofensivos, mas que, no fim, só contribuem para manter a mulher em uma posição inferior à do homem.

Nota-se que o papel relegado à mulher na sociedade capitalista, ocidental, atual, é uma construção histórica que começou há alguns séculos na medida em que as relações foram se transformando, a mulher foi perdendo prestígio na sociedade e, até os dias de hoje, exige-se que ela esteja dentro de casa, servindo. Apesar de algumas transformações e verdadeiros episódios de resistência que renderam às mulheres algumas vitórias, é o caráter histórico do machismo, que justifica que ainda hoje tenhamos que ouvir certas frases que colaboram com a manutenção da mulher como segundo sexo. Ao se manter, discursivamente, a ideia de inferioridade da mulher com relação ao homem, a violência também continua.

Ao fazer a reflexão sobre a teoria dos aparelhos ideológicos de estado, de Althusser, que inspirou Pêcheux na criação de sua teoria do discurso, entendemos que são os AIEs o lugar de funcionamento das ideologias, onde, através de rituais, se concorre para a reprodução ou transformação da ideologia dominante. No caso das ideologias machistas, elas podem ser observadas em vários tipos de AIEs diferentes, como por exemplo, na Família, na Escola, na Igreja. Um próximo passo para este trabalho talvez seja observar as condições de produção dos discursos sobre a mulher em um desses AIEs, mais especificamente. A Igreja, por exemplo, que historicamente se alia com a classe dominante no esforço para manter interesses de ambas, tem muita influência na mentalidade que ainda considera a mulher inferior ao homem. Dessa forma, entendemos que seguir refletindo sobre o funcionamento da ideologia machista dentro de AIEs específicos pode contribuir e muito para desvendar mais questões acerca da violência contra as mulheres e dos discursos que a permeiam.